

FORUM

ESTUDANTE

JOSÉ MATTOSO

«HOJE NÃO TERIA ENTRADO
NA UNIVERSIDADE»

SALVADOR DALI

ERA LOUCO OU FAZIA-SE?

JUGOSLÁVIA

ESTUDANTES NA GUERRA

AVVENTURA EM S. TOMÉ

VER PARA CRER

Esta história que vos conto

e VIDA DE ESTUDANTE

Começou pela História da Ordem de S. Bento em Portugal e acabou por desenterrar as raízes de uma nação. Durante anos remexeu arquivos desordenados em busca de pergaminhos esquecidos. Descobriu Gonçalos e Mumadonas, Henriques e Teresas, Chamoas e Rodrigos. Ligou as terras às famílias e as famílias entre si.

Reconstruiu o berço da nossa nacionalidade. Como foi a vida de estudante daquele que se tornou o Mestre da Época Medieval, foi o que tentámos saber.

José Mattoso nasceu em Leiria em 1933. Filho de uma família numerosa aprendeu, entre muitas outras coisas, o valor da independência e da justiça.

«Fiz a instrução primária numa escola privada, o Externato D. Luís. O meu pai era professor e um dos directores dessa escola.

Tinha um respeito extraordinário por nós, mesmo crianças, e toda a relação dele conigo e com os meus irmãos era muito mais de incitamento e de estímulo do que de repressão.

«Forum Estudante» — Além do seu pai houve algum professor primário que o tenha marcado?

José Mattoso — Não. A professora primária que eu tive parecia-me bastante mediocre e não tenho nenhuma recordação

especial. Lembro-me dela mas não me marcou.

«FE» — Que recordações guarda dessa altura?

J.M. — Até ao 3.º ano do liceu, nessa altura 1.º do ciclo, estive em Leiria. Lembro-me que no primeiro ano tive um oito a matemática. Na rua cruzei-me com o meu pai que vinha em sentido contrário e ele perguntou-me «Então já sabes as notas?» Eu fiquei com um ar extremamente pesaroso e disse-lhe que tinha tido um oito e comecei a chorar. Ele riu-se e disse «Isto não tem importância. No próximo trimestre levantas a nota». Isto demonstra a grande confiança que tinha em nós, facto que era muito estimulante. Penso que tudo isto marcou a minha relação com os estudos. Eu nunca me empenhei em ter boas notas.

Tinha notas de 10, 12. Desde que obtivesse resultados positivos, isso bastava-me. As notas muito altas não me interessavam.

Na situação actual eu nunca teria entrado na Universidade

Na situação actual eu nunca teria entrado na Universidade visto que hoje se exige que o aluno tenha notas altas, sem as quais não entra. Isso parece-me extremamente negativo. Acho que há uma certa

atitude pessoal perante as matérias que se estudam que não pode ser de natureza competitiva.

Tem de haver uma grande liberdade em relação às matérias para haver uma escolha pessoal e um empenhamento pessoal. Nessa altura lembro-me também que o professor de português me mandou decorar o «Mostrengo» do Fernando Pessoa. Todos tinham que decorar e todos tinham que recitar. O professor perguntou quem se oferecia. Apareceram logo alguns candidatos. Depois foi pedindo a todos sucessivamente para irem dizer o poema. Perguntou por fim, «Quem é que não quer recitar?»

Eu fui o único que não queria mesmo e que levantei o braço. Finalmente não cheguei a recitar porque o tempo da aula acabou e eu escapei, mas por outro lado tenho grande dificuldade em fixar de memória qualquer espécie de texto. Esqueço-me das palavras e nem mesmo poesias consigo fixar de cor.

«FE» — No entanto tem muitos nomes na memória...

J.M. — Sim porque isso se coordena numa estrutura e portanto as coisas relacionam-se entre si e são pontos de apoio para ter uma ideia do conjunto. Tenho de

recorrer muitas vezes às minhas fichas. «FE» — O resto do secundário fez onde? J.M. — Entretanto a minha família veio para Lisboa. O meu pai foi colocado como director de uma escola secundária em Lisboa e eu fiz uns meses numa escola na Amadora, o resto do 4.º e 5.º anos no Colégio Valsassina e depois fiz ainda o 6.º no Liceu Gil Vicente.

Entretanto entrei para o Mosteiro de Singeverga e não cheguei a fazer o 7.º.

«FE» — Do tempo de liceu recorda-se de algum professor?

J.M. — Recordo-me na escola Valsassina de um professor que me inspirou um enorme respeito, o Dr. Avelino Cunhal, pai do Dr. Álvaro Cunhal. Era professor de História no Colégio. Estábamos em 1947 ou 1948.

«FE» — Este professor influenciou-o na sua vocação para a História?

J.M. — Penso que isso veio mais do lado do meu pai, mas o facto de ter tido um bom professor de História nessa altura penso que também contribuiu.

«FE» — O seu pai estudava consigo?

J.M. — Não. Ele era um grande trabalhador, e nós percebíamos que o tínhamos que deixar trabalhar. Em minha casa sempre fomos muito independentes, e cada qual organizava os seus estudos sozinho.

«FE» — Além de História qual era a sua cadeira preferida?

J.M. — Não tinha nenhuma preferência.

Mesmo História... sim, História era a preferida.

«FE» — Qual a que gostava menos?

J.M. — Sempre gostei muito pouco de Matemática.

«FE» — Como era

o seu relacionamento com os seus colegas?

J.M. — Tive excelentes companheiros de liceu, alguns deles ainda são grandes amigos. Em Leiria, o Tomás de Oliveira Dias. Outros já morreram.

Em Lisboa, do Colégio Valsassina não guardei nenhuma recordação especial. No Liceu Gil Vicente, fui colega do António Alfredo que depois se tornou arquitecto e escultor, do Augusto Sobral que é arquitecto e que escreveu peças de teatro, do Raul Hestnes que é professor da Escola de Belas Artes.

«FE» — O que é que mais apreciava nos seus professores de liceu?

J.M. — Bom, a inteligência, claro. Apreciava uma boa capacidade oratória embora isso nunca me tenha cativado excessivamente. O aspecto humano era para mim muito importante. Preferia um professor que me transmitisse da matéria não apenas dados eruditos mas qualquer coisa

que tivesse a ver com a vida contemporânea. Lembro-me nesse sentido de ter tido em Lovaina um professor de Antigui-

dade Clássica que quando falava da Grécia comparava as confederações gregas às instituições contemporâneas.

Há muita coisa na História que tem a ver com a vida actual e na História sempre me interessaram os fenómenos que tinham a ver connosco. O resto sempre considerei coisas eruditas, apenas para povoar a memória.

«FE» — É essa agora a regra que segue como professor?

J.M. — É essa que tento seguir. Naturalmente que os meus interesses podem não coincidir com os dos alunos, mas procuro sempre viver no presente.

«FE» — Como foi a caminhada até ao mosteiro de Singeverga?

J.M. — Bom isso são coisas mais pessoais. Falando em coisas muito genéricas posso dizer que na minha família, do lado do meu pai, havia já alguns eclesiásticos e havia um ambiente religioso. Eu comecei desde muito miúdo a interessar-me por essas coisas e acabei por, antes de terminar o liceu, entrar para Singeverga.

«FE» — Os Beneditinos também dedicam muito do seu tempo ao estudo?

J.M. — Sim, foi essa uma das coisas que me interessou mas, mais do que isso, interessava-me a vida contemplativa, a Liturgia.

«FE» — Depois foi para Lovaina. Desse tempo que recordações guardou?

J.M. — Nessa altura eu vivia num mosteiro da Ordem Beneditina em Lovaina e tinha uma vida regrada.

Apesar disso ia com uma certa frequência ao cinema, a conferências com personalidades internacionais.

Durante as férias geralmente ia para outros mosteiros beneditinos, noutras localidades ou mesmo noutras países. Tinha uma relação de grande camaradagem com alguns dos meus colegas.

«FE» — E as notas melhoraram?



— Sim, aí já estava a estudar coisas que me interessavam mesmo, então dediquei-me a sério. Lovaina tinha um ambiente muito estimulante. Havia muitos estrangeiros que iam estudar para lá, já com uma vocação muito definida e eram, por isso, pessoas extremamente interessantes.

«FE» — Quais são as grandes diferenças entre a sua vida de estudante e a vida de estudante de hoje?

J.M. — Há uma coisa que me choca imenso, que é o ambiente de grande competitividade que distorce completamente toda a relação pedagógica e a capacidade criativa dos alunos. Isto é uma fatalidade do mundo actual mas as estruturas actuais impõem-na de uma maneira implacável. Se não se alcançar uma boa nota não se tem um emprego, não se tem futuro. Isso torna os alunos extremamente passivos, interessam-se mais em saber o que é que o professor quer, do que encontrar um interesse pessoal na matéria que estudam, e isso nivela o tipo de conhecimentos e a multiplicidade de abordagem das várias questões.

«FE» — Alguma vez sonhou em tornar-se numa referência, como hoje é, para as pessoas que estudam e se interessam pela História?

J.M. — Nem pouco mais ou menos. Nunca tive esse objectivo, não tenho, nem espero vir a ter. As investigações que eu fiz destinavam-se à partida a conhecer a história da Ordem Beneditina sobretudo em Portugal, porque me dizia respeito mais directamente e portanto empenhei-me em adquirir todos os métodos e conhecimentos necessários para isso. Alarguei cada vez mais as minhas investigações e comecei a descobrir muita coisa, mesmo em relação à História de Portugal. Os primeiros trabalhos que publiquei suscitaram a atenção de alguns universitários.

Continuei sempre a fazer as minhas investigações, sem qualquer intuito de conquistar um público, mesmo quando me pediam um artigo sobre uma determinada matéria (geralmente o tema era à minha escolha). Foi com uma certa surpresa que constatei, depois de ter sido convidado pela Prof. Virgínia Rau para professor da Faculdade de Letras, que alguns artigos meus começavam a interessar a um público mais vasto.

Lembro por exemplo que o Prof. Vitorino Nemésio, que colaborava numa revista semanal para o grande público, escreveu um artigo que se chamava «Os Ossos dos Velhos Condes» e que era um pequeno comentário a um artigo muito erudito que eu tinha escrito sobre os condes portugueses.

Ele teve a amabilidade de o ler e de o transportar para um grande público, como forma de mostrar o seu interesse. Essa foi uma das primeiras manifestações do interesse em relação aos meus estudos. Depois, mesmo muito depois, quando ganhei o Prémio Pimenta com a «Identificação de um País» fiquei extremamente surpreendido por alguém me dizer que tinha visto uma pessoa a ler o livro na praia. Um trabalhador da construção civil disse-me que lia os meus livros e que gostava muito. Por um lado, é muito gratificante e deu-me a ideia de que não é por se querer conquistar um público que ele se conquista, mas sim porque se fazem as coisas com empenho e com gosto.

«FE» — O gosto pela história medieval vem dos seus estudos para a história dos Beneditinos ou é anterior?

J.M. — Eu acho que é anterior. O meu pai também se interessava especialmente pela história medieval.

Comecei a perceber que havia qualquer coisa de mais profundo nesta época, a realidade cada vez mais exacta de que a Civilização Ocidental cria as suas estruturas mentais na Idade Média e, por isso, o seu estudo permite conhecer a origem das coisas, das categorias mentais, de vocabulário, de expressões, de conceitos. O conhecimento das origens não é a resposta a uma mera curiosidade, mas dá-nos o sentido autêntico dos esquemas mentais com que vemos o mundo. A evolução posterior é que muitas vezes altera esse sentido. A recuperação desse sentido é muito importante para nos podermos relacionar com essas mesmas estruturas e valores.

«FE» — Como foi o seu doutoramento?

J.M. — O meu doutoramento não demorou muito tempo. Eu tinha acumulado uma investigação genérica sobre a época recolhida ao longo do tempo de licenciatura e nos anos seguintes, depois ao longo de alguns anos. Fiz o doutoramento em 1966, e nessa altura tive a oportunidade de me dedicar

exclusivamente a ele. Na preparação propriamente dita demorei, aproximadamente, nove meses e meio.

«FE» — Ficou nervoso quando teve de o defender?

J.M. — Não, porque em Lovaina as coisas passavam-se de uma maneira muito simples, sem o aparato intimidatório que têm as nossas faculdades, sem vestuários especiais, numa sala com pouca gente. Tudo se passou como um mero acto académico, onde o que interessava era discutir o texto de maneira científica.

«FE» — Há grandes diferenças entre o ensino no estrangeiro e o ensino em Portugal?

J.M. — Penso que sim, embora eu não saiba bem fazer a comparação porque nunca frequentei uma Universidade em Portugal e por isso não tenho esse lado da perspectiva, mas penso que há um estudo mais aprofundado das matérias e que não se preocupa tanto com visões globais. Essas visões globais devem ser adquiridas pelo aluno.

«FE» — O que é que o faz correr hoje? A nível profissional, é o conhecer mais?

J.M. — A nível profissional nada me faz correr... Recentemente, durante um certo período deixei quase de ter contacto com os alunos. Agora voltei a dar aulas porque me faziam falta e penso que é importante para um professor continuar a contactar com os alunos.

Mas dar aulas, acerca de matérias que interessem pela sua dimensão humana, e através delas procurar as respostas aos problemas fundamentais do homem, é algo de que gosto. Procurar o verdadeiro sentido das coisas, isso sim, faz-me correr.

Não correu atrás de notas, nem de diplomas. Fez um percurso diferente. Da escola ao liceu, do liceu para os beneditinos.

Uma vida de estudante diferente. Estudou, meditou e escolheu outro caminho. Abandonou o convento.

A testemunhar uma vida dedicada à investigação e ao estudo estão os artigos, os trabalhos e os livros.

Não gosta do palco nem do estrelato mas distinguiram-no, entre outros, com os prémios Pimenta e Pessoa.

Herdou do pai o gosto pela História e foi um continuador da sua obra. A sabedoria popular lá sabe quando diz «Filho de peixe, sabe nadar».